UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO GRANDE DO NORTE – UERN
CAMPUS AVANÇADO DE ASSÚ - CAA
DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA – DGE
CURSO DE LICENCIATURA EM GEOGRAFIA

ADRIANO SOUSA MIGUEL

A PAISAGEM RELIGIOSA: O CATOLICISMO POPULAR E A FESTA DE SÃO JOÃO BATISTA – ASSÚ/RN

ASSÚ – RN
2024

ADRIANO SOUSA MIGUEL

A PAISAGEM RELIGIOSA: O CATOLICISMO POPULAR E A FESTA DE SÃO JOÃO BATISTA – ASSÚ/RN

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Departamento de Geografia – DGE, do Campus Avançado de Assu – CAA, da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN, como requisito obrigatório para a obtenção do título de Licenciado(a) em Geografia.

Orientador: Prof. Ma. Mirrayla Campos Feitosa Lacerda

ASSÚ – RN

2024

© Todos os direitos estão reservados a Universidade do Estado do Rio Grande do Norte. O conteúdo desta obra é de inteira responsabilidade do(a) autor(a), sendo o mesmo, passível de sanções administrativas ou penais, caso sejam infringidas as leis que regulamentam a Propriedade Intelectual, respectivamente, Patentes: Lei n° 9.279/1996 e Direitos Autorais: Lei n° 9.610/1998. A mesma poderá servir de base literária para novas pesquisas, desde que a obra e seu(a) respectivo(a) autor(a) sejam devidamente citados e mencionados os seus créditos bibliográficos.

Catalogação da Publicação na Fonte.
Universidade do Estado do Rio Grande do Norte.

M636p Miguel, Adriano Sousa
A Paisagem Religiosa: O Catolicismo Popular e a Festa de São João Batista - Assú - RN. / Adriano Sousa Miguel. - Assú, 2024.
29p.

Orientador(a): Profa. Mª. Mirrayla Campos Feitosa Lacerda.
Artigo científico (Graduação em Geografia). Universidade do Estado do Rio Grande do Norte.

1. Paisagem Religiosa; São João Batista; Catolicismos Popular.. I. Feitosa Lacerda, Mirrayla Campos. II. Universidade do Estado do Rio Grande do Norte. III. Título.

O serviço de Geração Automática de Ficha Catalográfica para Trabalhos de Conclusão de Curso (TCC´s) foi desenvolvido pela Diretoria de Informatização (DINF), sob orientação dos bibliotecários do SIB-UERN, para ser adaptado às necessidades da comunidade acadêmica UERN.

ADRIANO SOUSA MIGUEL

A PAISAGEM RELIGIOSA: O CATOLICISMO POPULAR E A FESTA DE SÃO JOÃO BATISTA – ASSÚ/RN

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Departamento de Geografia – DGE, do Campus Avançado de Assu – CAA, da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN, como requisito obrigatório para a obtenção do título de Licenciado(a) em Geografia.

Aprovada em: ____/____/____.

Banca examinadora

_____

Profa. Ma. Mirrayla Campos Feitosa Lacerda (Orientadora)
Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN)

_____

Profa. Dra. Zenis Bezerra Freire (Membro interno)
Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN)

_____

Prof. Me. Luiz Eduardo do Nascimento Neto (Membro externo)
Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN)

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo apresentar um estudo sobre o conceito de paisagem religiosa à luz das transformações ocorridas no espaço no município de Assú/RN, promovidas pelos festejos de São João Batista, padroeiro da localidade. Para que realizássemos essa pesquisa, recorremos ao levantamento bibliográfico que nos permitisse compreender os conceitos que permeiam as análises propostas. Revisitamos o conceito de paisagem e suas abordagens, o conceito de festas e os estudos da Geografia da Religião. Ainda, observamos a paisagem de Assú/RN antes e durante a realização dos festejos para que pudéssemos tecer nossas análises acerca do tema proposto. Desse modo, percebemos que é inegável as modificações ocorridas na paisagem, o caráter transformador dos rituais da Igreja Católica e como está movimenta, produz e reproduz o espaço, bem como as relações de poder que permeiam suas atividades, para além da sacralidade da festa. As mudanças ocorridas na paisagem vão além da dimensão visual e encontram-se com outros aspectos da vivência cotidiana dos moradores deste município.

Palavras-chave: Paisagem Religiosa; São João Batista; Catolicismos Popular.

ABSTRACT

The present work aims to present a study on the concept of religious landscape in light of the transformations that occurred in the space in the municipality of Assú/RN, promoted by the celebrations of São João Batista, patron saint of the locality. In order to carry out this research, we used a bibliographical survey that allowed us to understand the concepts that permeate the proposed analyses. We revisit the concept of landscape and its approaches, the concept of festivals and studies on the Geography of Religion. Furthermore, we observed the landscape of Assú/RN before and during the celebrations so that we could develop our analyzes on the proposed theme. In this way, we realize that the changes that have occurred in the landscape, the transformative nature of the rituals of the Catholic Church and how it moves, produces and reproduces space, as well as the power relations that permeate its activities, in addition to the sacredness of the festival, are undeniable. The changes that occurred in the landscape go beyond the visual dimension and meet other aspects of the daily life of the residents of this municipality.

Key-words: Religious Landscape; Saint John the Baptist; Popular Catholicisms.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO 7
2 METODOLOGIA 8
3 ALGUNS CONCEITOS DE PAISAGENS E SUAS ABORDAGENS 10
3.1 Geografia e a Religião **..... 11**
3.2 A Paisagem Religiosa **..... 12**
3.3 A Paisagem nas Festas Religiosas **..... 13**
4 CATOLICISMO POPULAR, AS FESTAS CATÓLICAS E SUAS MANIFESTAÇÕES NO ESPAÇO GEOGRÁFICO 14
4.1 Festas Populares **..... 15**
5 A PAISAGEM RELIGIOSA DA FESTA DE SÃO JOÃO BATISTA EM ASSÚ-RN 16
5.1 A Festa do Padroeiro São João Batista **..... 18**
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS 23
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS 24

1 INTRODUÇÃO

A festa do padroeiro do município de Assú/RN, São João Batista, acontece entre os dias 14 e 24 do mês de junho, atraindo pessoas de todas as cidades do estado, a festa se caracteriza por ser permeada de celebrações que envolvem os ritos sagrados do catolicismo e, contar com as atrações que não estão inseridas nesse contexto. É uma festa composta visivelmente pela dicotomia entre o sagrado (novenário, procissão, missas, peregrinações e demais celebrações litúrgicas) e o profano (apresentações de quadrilhas juninas, shows, feiras, cavalgadas, corridas, etc) o que confere a esta uma paisagem diversa e complexa.

As relações entre o homem e o espaço têm modificado a paisagem constantemente, seja de forma material ou imaterial, atribuindo sentidos e significados aos elementos que a constituem (TORRES, 2013), pois “a paisagem é o conjunto de formas que, num dado momento, exprimem as heranças que representam as sucessivas relações localizadas entre homem e natureza (SANTOS, 2006, p.66).

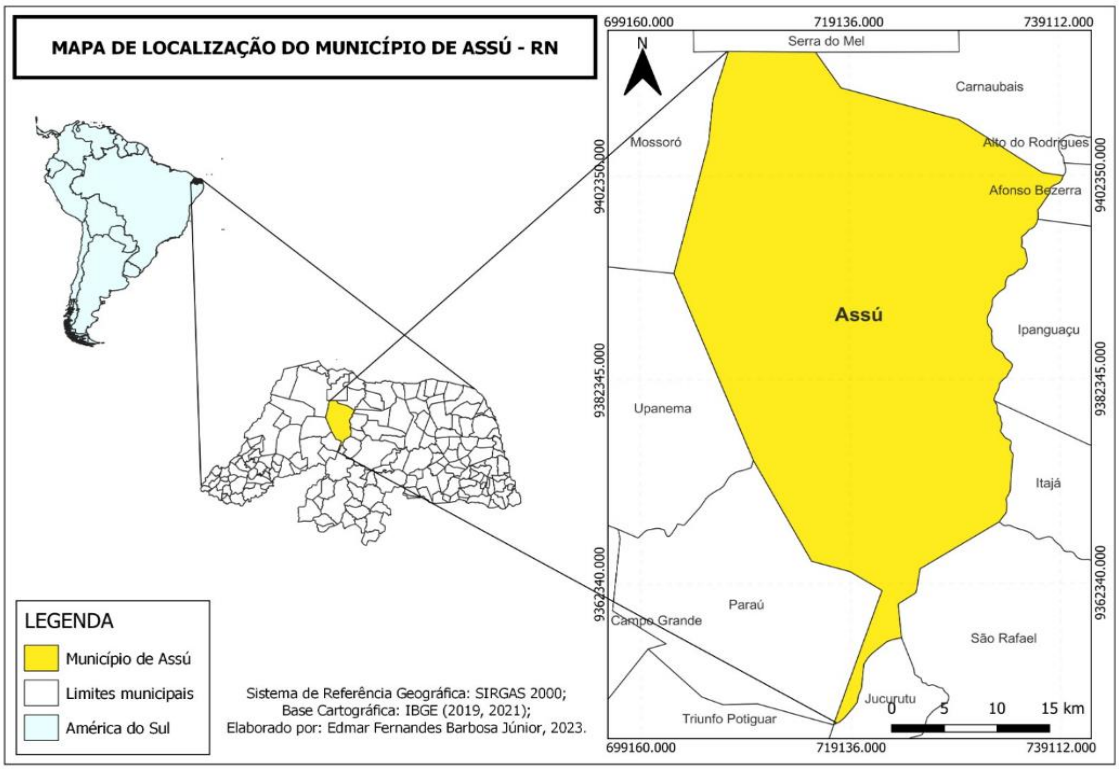
Esse conjunto revela, entre outros elementos, a religião como determinante nas configurações espaciais. Nesse sentido, as paisagens possuem componentes religiosos, pois, a relação entre o sagrado e o profano se dá a partir da paisagem ou sobre a mesma (PASSOS; GUERRIERO, 2004).

Além disso, a paisagem é uma “combinação de vários tempos presentes” (REBORATTI, 1993, p. 17). É, assim, resultante das transformações na sociedade e fora dela, que criam ao longo do tempo novas formas, novas funções, novas condições. Desse modo, a paisagem demonstra aspectos da realidade e dos processos enfrentados pela sociedade através de uma escala temporal, pois “o lugar mostra através da paisagem, a história da população que ali vive” (CALLAI, 2000, p. 97).

Nesse sentido, a paisagem que se origina, se manifesta ou mesmo se altera, a partir das celebrações religiosas, e parte dessas transformações que podemos observar em nosso cotidiano. É o reflexo das relações estabelecidas entre os espaços da religião e a população que os produz. A exemplo disso, as festas religiosas modificam, ainda que temporariamente, as paisagens no entorno dos locais de celebração, colocando em questão as dinâmicas do ambiente e dando sentido às simbologias presentes neles.

O município está localizado no Oeste Potiguar, na Região Imediata de Açu, anteriormente denominada como Vale do Açu (ver mapa 01), e tem a devoção em São João Batista como uma característica social, cultural, religiosa, turística e histórica, tendo em vista o fato de que esta foi a primeira paróquia do Brasil a receber o santo como padroeiro. Sendo, devido a isso, considerado o festejo em honra a este santo, mais antigo do mundo, com 296 anos de tradição.

Mapa 01: Localização do município de Assú/RN.



Fonte: Adriano S. Miguel; Edmar Fernandes, 2023.

Por entender a importância e complexidade que envolve a festa do padroeiro de Assú/RN, esta pesquisa se propõe a analisar e apresentar a paisagem religiosa que se manifesta a partir dos festejos populares de São João Batista em Assú - RN e como estes modificam o espaço de forma temporal que o permeia.

Desse modo, essa pesquisa levanta questões fundamentais: O que define a paisagem religiosa? Como as festas populares, especialmente a de São João Batista, moldam a paisagem de Assú - RN? Quais são os agentes-chave envolvidos nessas transformações e até que ponto essas mudanças impactam a identidade e a geografia da cidade?

Diante da compreensão da importância que a festa traz para o estudo da geografia e do conceito de paisagem, especificamente quando se trata da paisagem religiosa, o presente trabalho se justifica, propiciar as discussões acerca da temática, ainda, trazer apontamentos sobre umas das celebrações mais importantes do estado do Rio Grande do Norte. Esse estudo, possibilita que revisemos temas da Geografia cultural que ainda não foram amplamente abordados pela geografia potiguar.

2 METODOLOGIA

O presente estudo se caracteriza como uma pesquisa baseada no método fenomenológico. O método que foi desenvolvido por Husserl (1859-1938) e carrega a idéia da intencionalidade, onde sujeito e objeto não estão separados (MOREIRA NETO, 2016). Para o filósofo, o mundo poder compreendido a partir da forma como os fenômenos se manifestam, “dessa forma, trata de interpretar a apreensão das essências [dos fenômenos] a partir da experiência vivida, aplicada e adquirida pelo

indivíduo, buscando não distinguir o objeto do sujeito [...]" (SILVA, 2005, p. 03). Ainda, segundo Serpa (2019, p. 09) a "Fenomenologia permite o retorno às experiências e práticas espaciais primeiras, sobre as quais construímos nossas referências de mundo e lugar".

Para esse estudo, entendemos que a fenomenologia se aplica, pois, enquanto método, a mesma possibilita a ciência geográfica desenvolver novas formas de descrever e analisar o espaço (CORRÊA, 2001). Essa concepção é reforçada ao compreender que:

> A relação entre a Geografia e Fenomenologia permite entrever uma produção situada do conhecimento geográfico, uma ontologia espacial que enalteça e sublinhe uma Geografia dos espaços vividos, uma Geografia "situacional", de modo que, enquanto método [...], a Fenomenologia permite a um só tempo a crítica e a renovação da Geografia enquanto conhecimento [...] (SERPA, 2019, p. 09).

Desse modo, partindo da concepção do método de análise adotado, a pesquisa foi desenvolvida em três etapas, sendo a primeira delas, o levantamento bibliográfico. Esta, nos permitiu aprofundar-nos nas discussões dos conceitos estruturantes do estudo proposto. Através dos artigos, teses, dissertações, livros e demais publicações acadêmicas, conseguimos discorrer sobre a paisagem e suas abordagens, enfocando a paisagem religiosa; sobre as festas e suas manifestações e sobre os agentes que atuam na modificação do espaço por e a partir destas.

A segunda etapa consistiu em visitas aos espaços de realização dos festejos, para aquisição de registros imagéticos da festa do padroeiro do município de Assú/RN, durante o mês de junho de 2023; imagens dos mesmos lugares após a realização da mesma, em julho de 2023, o que nos oportunizou tecer análises e comparações sobre as manifestações do fenômeno estudado a partir dos dois recortes temporais. Ainda, visitamos a administração paroquial para acessar documentos que nos possibilitaram maiores informações sobre a festa, no entanto, os registros não foram localizados.

Na terceira etapa, realizamos a apreciação dos materiais coletados nas etapas anteriores, baseado no método fenomenológico, corroborado por procedimentos da dialética, justificados pela necessidade de "identificar as contradições e os conflitos nos processos de produção/criação do espaço na contemporaneidade" (SERPA, 2019, p. 09), assim, nos permitindo interpretar de forma qualitativa o fenômeno. Pois, métodos de análise qualitativos são:

> [...] métodos das ciências humanas que pesquisam, explicitam, analisam, fenômenos (visíveis ou ocultos). Esses fenômenos, por essência, não são passíveis de serem medidos (uma crença, uma representação, um estilo pessoal de relação com o outro, uma estratégia face um problema, um procedimento de decisão...), eles possuem as características específicas dos "fatos humanos". O estudo desses fatos humanos se realiza com as técnicas de pesquisa e análise que, escapando a toda codificação e programação sistemáticas, repousam de acesso ao fenômeno. Estas particularidades ficam mais presentes quando vislumbramos a perspectiva fenomenológica (MUCCHIELLI, 1991, p. 03).

Assim, através da metodologia adotada é possível compreender alguns dos aspectos que compõem a festa de São João Batista no município de Assú/RN e como

este fenômeno social e religioso imprime modificações no espaço geográfico, estas que são percebidas através da paisagem dos lugares afetados.

3 ALGUNS CONCEITOS DE PAISAGENS E SUAS ABORDAGENS

O conceito de paisagem é um dos temas comumente revisitados pelas correntes do pensamento geográfico. Inicialmente estudos deste conceito, estão atrelados ao caráter descritivo dos ambientes naturais que a geografia de Humboldt havia assumido (CLAVAL, 2004), pois no século XVIII, geógrafos como Ritter e o próprio Humboldt, entendiam a paisagem como a interação entre a natureza e cultura (GANDY, 2004).

Essa abordagem reflete a preocupação, existente na época, de classificar e ordenar a natureza, porém sugere que levemos em consideração a existência de laços materiais entre as manifestações da paisagem e as diferentes sociedades que a (re)produzem.

Na verdade, descrever as paisagens “evidencia a variedade das formas associadas à atividade humana [...]” (CLAVAL, 2004, p. 40), ainda segundo Claval (2004, p. 40) “os geógrafos são sensíveis à dimensão cultural das paisagens”, observando os marcos sociais que são visíveis sobre os terrenos.

É comum na Geografia a diferenciação entre paisagem natural e paisagem cultural. A primeira se refere a combinação de elementos da natureza, tais como, vegetação, solo, relevo, clima etc. Enquanto a paisagem cultural ou humanizada, corresponde às mudanças feitas pelo homem nos ambientes naturais, ocasionando ou não outros espaços, como urbano e rural, por exemplo (SCHIER, 2003). De acordo com os estudos de Bertrand (1971. P. 02) a paisagem não corresponde:

> [...] a simples adição de elementos geográficos disparatados. É uma determinada porção do espaço, resultado da combinação dinâmica, portanto instável, de elementos físicos, biológicos e antrópicos que, reagindo dialeticamente uns sobre os outros, fazem da paisagem um conjunto único e indissociável, em perpétua evolução (BERTRAND, 1971, p. 02).

A partir da análise de Bertrand (1971), podemos perceber que o autor não condiciona a paisagem à atuação de agentes puramente relacionados a natureza, como também, não a concebe apenas como resultado das interações sociais, no entanto, o mesmo percebe a paisagem de forma homogênea, entendendo que sociedade e natureza estão relacionadas, formando um conjunto de um mesmo espaço geográfico.

Essa concepção corrobora com os estudos de Sauer (1998), pois o mesmo aponta que a paisagem é um organismo complexo, que resulta da associação de elementos/recursos naturais combinados às obras humanas. Para Sauer (1998, p. 31) a paisagem “tem uma forma, uma estrutura, um funcionamento e uma posição dentro de um sistema, e este sistema está sujeito a desenvolvimento, transformação e aperfeiçoamento”. Assim, conhecer a interação do ser humano é importante para a compreensão da paisagem.

Ainda, Claval (1999, p. 420) afirma que “não há compreensão possível das formas de organização do espaço contemporâneo e das tensões que lhes afetam sem levar em consideração os dinamismos culturais". Eles explicam a nova atenção dedicada à preservação das lembranças do passo e a conservação das paisagens”. Desse modo, entendemos que os distintos grupos sociais são capazes de modificar. Interpretar e perceber diferenciadamente a mesma. Nessa perspectiva, a paisagem é a materialização das ideias, tornando-se humanizada não apenas pela ação antrópica, mas pelo pensamento (SCHIER, 2003). Assim, temos a paisagem como uma representação cultural.

É preciso, no entanto, apontar que a partir da década de 1970, no cenário da Geografia crítica, evitou-se falar da paisagem, pois a organização do espaço foi, a partir desse paradigma, interpretado em termos críticos e funcionalistas que apontavam, em suma, a ideia de que em cada lugar se reproduz a lógica social do capitalismo e econômica (SCHIER, 2003).

Desse modo, de acordo com Lencioni (1999, p. 171) o espaço passou a ser entendido “[...] nomoteticamente, apontando para as regras gerais das lutas sociais e das contradições do sistema capitalista, reproduzindo-se através das desigualdades regionais”, deixando assim, pouco espaço para uma geografia que aponte características específicas da região estudada.

Contudo, Cosgrove (1995) demonstra que a paisagem está ligada à cultura, a ideia de que as formas visualizadas são representações de discursos, pensamentos e ideologias, apontando assim, que a paisagem acontece a partir de uma unidade visual, determinada pela organização de um sistema de significados (SCHIER, 2003).

Assim, ao abordar o conceito apresentado, nos remetemos à ideia de que a paisagem pode ser abordada de várias formas, uma delas apresenta uma associação do conceito às manifestações religiosas, onde o sagrado está presente, transformando a paisagem onde as mesmas ocorrem. Pois, de acordo com Cavalcanti (2004, p. 99):

> cada tipo de paisagem é a reprodução de níveis diferentes de forças produtivas; a paisagem atende a funções sociais diferentes, por isso ela é sempre heterogênea; uma paisagem é uma escrita sobre a outra, é um conjunto de objetos que têm idades diferentes, é uma herança de muitos momentos; ela não é dada para sempre, é objeto de mudança, é resultado de adições e subtrações sucessivas, é uma espécie de marca da história do trabalho, das técnicas; ela não mostra todos os dados, que nem sempre são visíveis, a paisagem é um palimpsesto, um mosaico (CAVALCANTI, 2004, p. 99).

Assim, articulando com as diferentes formas da paisagem podemos abordar esse conceito à luz das manifestações religiosas que acompanham o processo de formação, pois a “[...] paisagem não é apenas entendida como sendo um objeto de estudo, mas também pela vivência dessa no seu cotidiano” (SCHIER, 2003, p. 79-85).

3.1 Geografia e a Religião

A religião é uma das práticas mais conhecidas pela humanidade, sendo realizada por todas as culturas desde o início dos agrupamentos sociais (TEIXEIRA, 2009). A atividade pode ter surgido a partir da necessidade do homem universal de encontrar significados e propósitos para as suas vivências.

De acordo com Schiavo (2004) a importância do estudo das práticas religiosas proporcionou o surgimento da Ciência da Religião, com método próprio de análises e pesquisas. No entanto, a geografia estuda, a partir do entendimento de que as religiões são oriundas de processos sociais e que se incorporam na dinâmica espacial dos lugares, compreendendo assim, a religião como um fenômeno social.

A abordagem da religião na geografia nos proporciona reflexões sobre a experiência religiosa do indivíduo e dos grupos sociais nas construções de espaços intimamente ligados ao sagrado (ROSENDAHL, 2018). Assim, a geografia da religião deve ser entendida como "o estudo da ação desempenhada pela motivação religiosa do homem em sua criação e sucessivas transformações espaciais" (ROSENDAHL, 2018, p. 276).

Os estudos geográficos ligados à religião tiveram início com o geógrafo alemão Gottlieb Kasche, no ano de 1795, com a publicação do artigo "Ideias sobre geografia da religião" (ROSENDAHL, 2018). Ao longo dos séculos XVIII e XIX as construções teóricas eram voltadas para a geografia histórica dos tempos bíblicos, enquanto na primeira metade do século XX, os estudos eram voltados para as abordagens de geógrafos como Pierre Deffontaines, no livro *Géographie et Religions*, que demonstra a influência sobre a paisagem a partir da religião através das análises de cemitérios igrejas e outras representações religiosas concretas (ROSENDAHL, 2018).

Em 1970, temos como marco, o início o período de novas e variadas abordagens nas investigações, partindo dos estudos de Sopher (1981), Claval (1999), Sorre (1984), entre outros. Após a década de 1990, as pesquisas apresentadas enfatizam a perspectiva cultural dos indivíduos e grupos sociais analisados. Esses estudos, trazem as relações entre o espaço e a religião, e as interações entre o sagrado e o profano. São, assim, estudos voltados para "a manifestação material do sagrado no espaço" (ROSENDAHL, 2018, p. 277), onde observamos e analisamos como as formas de ver e sentir o sagrado relaciona-se com o espaço e a sociedade (ROSENDAHL, 2018).

No século XXI, os estudos geográficos têm se dedicado cada vez mais a compreender as dimensões políticas e religiosas do espaço, estas que podem ser analisadas sobre vários vieses, como por exemplo, a partir da existência de paisagens moldadas através das práticas religiosas.

3.2 A Paisagem Religiosa

A paisagem religiosa apresenta-se de inúmeras formas em nosso cotidiano, no entanto, em muitos casos, devido a organização social, não a percebemos com clareza. Em muitos aspectos, não atentamos às formas como essas paisagens manifestam-se através do lugar onde encontra-se. Segundo Teixeira (2009, p. 43) a paisagem religiosa é "[...] expressada através das formas arquitetônicas e de símbolos religiosos". Ainda, de acordo com Rosendahl (2001, p. 27):

> O impacto da religião na paisagem não está limitado somente às características visíveis, tais como locais de culto, apesar destes mostrarem mais claramente formas e funções religiosas, mas também na experiência da fé que nos fornecem símbolos e mensagens, algumas inteligíveis somente aos que comungam a mesma fé (ROSENDAHL, 2001, p. 27).

É importante, portanto, entender que cada grupo social cria as suas paisagens de acordo com as visões de mundo que a religião praticada aponta (ROSENDAHL;

CORRÊA, 2002). No catolicismo a atuação na paisagem tem sido marcante desde a formação dos primeiros núcleos populacionais no Brasil.

É perceptível nas paisagens urbanas e rurais, ainda que em menor intensidade, a presença de edificações católicas, festas, procissões e celebrações religiosas atreladas à prática dessa religião. De modo que as paisagens atreladas à Igreja Católica proporcionam a vivência do sagrado.

Assim, as modificações na paisagem impostas pelo catolicismo são traços marcantes, que para além das representações materiais e imateriais, refletem a territorialidade exercida pela mesma, através das edificações, monumentos, celebrações, festas, entre outros.

Desse modo, para compreender a paisagem religiosa, não podemos observar apenas as construções, mas o que é percebido. Aquilo que ganha significado através das práticas religiosas, sentimentais e poéticas (POLIGNAC, 2014). Pois, “A paisagem religiosa se apresenta além da materialidade imediata dos elementos historicamente produzidos pelas religiões, remetendo a representações religiosas cujos significados emergem a partir das tradições e dos textos sagrados” (GIL FILHO, 2010, p. 2).

Neste sentido, “os elementos da paisagem religiosa formam redes religiosas fragmentadas e articuladas dentro de uma mesma estrutura ou de uma religião em relação a outras”. (GIL FILHO, 2010, p. 2). Assim, pode-se perceber que a paisagem religiosa se transforma de acordo com as relações de materialidade no qual essa paisagem está sendo inserida.

Pois, a forma como as religiões veem o mundo ganham mais força quando materializadas através dos locais das religiões (TEIXEIRA, 2009). O simbolismo representado através da paisagem exerce influência nas pessoas. Dando assim, aos elementos da paisagem religiosa valores, que segundo Rosendahl (2006, p. 216) possibilitam “identificar as paisagens religiosas [...] reconhecer crenças e identidades culturais de seus habitantes".

Assim, diante do exposto, compreendemos a paisagem religiosa como a materialização das práticas religiosas de um povo, marcada pelas ações dos elementos materiais e imateriais que compõem a doutrina vigente, estabelecidos através da territorialidade da fé, assim como o poder exercido pela mesma. A exemplo disso, podemos citar as festas de padroeiro, realizadas por todo o Brasil.

3.3 A Paisagem nas Festas Religiosas

Entendemos que o termo “festa” é destinado a definir às solenidades comemorativas em alusão a pessoas, datas importantes ou cultos religiosos. Essas, que por sua vez expressam-se através de marcas simbólicas no espaço, alterando a paisagem onde ocorrem.

Para a análise sobre a paisagem das festas religiosas, é preciso compreender alguns pontos do contexto da realização dessas manifestações culturais e a reflexão que estas trazem, tendo em vista que “algumas (festas) refletem a divisão étnica da sociedade” (CURADO, 2002, p. 178), entre outros elementos que demonstram a diversidade de características presentes em um grupo social.

É importante rememorar que essas celebrações estão, em sua maioria, ligadas ao processo de colonização do seu país, expressando, muitas vezes, as tradições dos povos que se instalaram nos territórios durante esse período. No caso do Brasil, a cultura é proveniente dos portugueses, que implantaram seus costumes. De acordo com Vargas (2014, p. 261):

> Não é tarefa fácil estabelecer as origens dessas festas em um país com tantas influências culturais, mas é possível sinalizar, como já colocado, para a permissividade da Igreja católica, desde seus primórdios e também no período colonial no Brasil, com relação aos elementos arcaicos do paganismo introduzidos nos ritos cristãos, tais como os ritos de fogo e as lavagens. O fato é que as tradições de celebrar os santos possibilitaram ressignificá-las, seja pelo contexto social, seja pelo cotidiano, em manifestações populares que em síntese, agradecem, louvam e pedem, imbricando os elementos sagrados e profanos em diversos folguedos [...] (VARGAS, 2014, p. 261).

Contudo, as festas religiosas permanecem sendo de grande importância na vida dos católicos. As paisagens oriundas delas demonstram a herança deixada através das gerações, representando valores para quem participar desses festejos. Esses festejos vão dar origem à paisagem das festas que onde surgem as manifestações do conceito de paisagem religiosa que é trabalho no espaço geográfico que essas estão inseridas. Para tanto, dentro dessa perspectiva da importância cultural e simbólica, pode-se observar que o catolicismo popular está fortemente ligado ao cotidiano desses povos onde acontecem esses festejos.

4 CATOLICISMO POPULAR, AS FESTAS CATÓLICAS E SUAS MANIFESTAÇÕES NO ESPAÇO GEOGRÁFICO

O Catolicismo popular é praticado por fiéis que exercem seus ritos e cultos à margem da Igreja (SOUZA, 2013). Os costumes e as práticas tradicionais atravessam gerações e apresentam alterações pontuais. O catolicismo eclesiástico é aquele pautado nas determinações da doutrina, praticado principalmente pelo clero. Assim, de acordo com Souza (2013, p. 06):

> O catolicismo popular é uma expressão cultural, além de religiosa, e muda de forma e de posição a partir das transformações ocorridas no contexto cultural mais amplo do qual faz parte. É dinâmico e é historicamente constituído, não sendo necessariamente avesso à modernidade, [...]. O catolicismo popular foi estruturado, afinal, a partir de sua vocação para o sincretismo e para a absorção de elementos exógenos, que são moldados às suas crenças e aos seus rituais. Com isto, o que aparenta ser um ritual praticado em uma região específica é, na realidade, universal em toda a sua gama de contatos e influências [...] (SOUZA, 2013, p. 06).

Os festejos dos santos, são demonstrações da relação simbiótica existente entre esses dois eixos da doutrina católica. A festa nasce de um caráter litúrgico e se expande a partir de uma série de ritos e práticas que, a priori, se originaram fora dos muros das igrejas.

As festas católicas acontecem em momentos importantes, que marcam a vida dos seus fiéis. Para estes, a festa está intimamente ligada a realização de celebrações e renovações da fé, assim como o prevalecimento do bem sobre o mal. De acordo com Roche (2000, p. 151) “o calendário tradicional das festas cristãs e populares levavam em conta essa organização, as festas salientando a alternância da escuridão

e da luz, o recuo das trevas e a chegada dos novos dias". Outra característica marcante dessas celebrações é como estão inseridas no espaço geográfico. Segundo Souza (2013, p. 13) as festas católicas:

> [...] caracterizaram-se por seu caráter híbrido: poderiam ser promovidas tanto pela igreja quanto pelos fiéis, com a participação do clero, no caso, variando de intensidade. E mesmo quando a festa era promovida e organizada pelo clero, a participação dos fiéis nem sempre se mantinha presa às normas previamente definidas pela instituição eclesiástica, para escândalo e desaprovação dos sacerdotes que precisavam muitas vezes, contudo, de transigir com os fiéis, o que aproxima as festas católicas de outras festas, exclusivamente profanas (SOUZA, 2013, p. 13).

As festas religiosas ocupam o espaço geográfico de acordo com a especificação ou rito no qual está acontece, para isso se faz importante o uso do espaço geográfico como sendo o meio onde essas festas serão realizadas. Para entender sobre as festas tem-se que fazer uma análise da questão do sagrado e o profano das festas, o sagrado vai aparecer quando sendo a criação dessas festas com o seu lado misterioso da festa onde o sagrado se mostra ao sobrenatural que foge da realidade do que chamamos de comum em nossa sociedade os ritos surgem do mistério que cercam as religiões, já o lado profano vai se apresentar quando sendo tudo aquilo que foge ao sagrado que não tem o seu significado dentro do sagrado.

Por último as manifestações das festas, tem seus significados, quando espremido o seu real significado por trás da suas realizações onde pode-se observar com um olhar mais crítico que possibilita a interpretação dos significados de cada ponte do festejo, que permeia a festa, assim, sendo de suma importância a efetivação do pertencimento dos povos que participam das festas, fazendo com que a festa possa contribuir para confirmar a devoção desses religiosos, onde as festa populares aparecem, para modificar o espaço é significado religioso a esse lugar onde acontece as festas religiosas populares.

4.1 Festas Populares

As festas populares no Brasil são bastantes relevantes, uma vez que estas representam um conjunto de significados para os grupos sociais que as vivências e/ou produzem. Desse modo, Ferretti (2007, p. 02) apresenta que as festas religiosas populares são:

> [...] são ocasião para o pagamento de promessas e momentos de lazer em que se desenvolvem laços de solidariedade nos meios populares [...]. Constitui oportunidade para expressar a capacidade de organização, a criatividade popular, a devoção, o lazer e para se constatar o sincretismo religioso. Nas festas a comunidade se revitaliza, se recria, se encontra e se vê como um todo. (FERRETTI, 2007, p. 2).

Segundo Droogers e Siebers (1991) a expressão "popular" é usada pelo menos em dois sentidos, no que se refere à religião. Por um lado, trata-se das pessoas que não pertencem ao grupo dos especialistas da religião, relacionando-se com o

catolicismo popular. Em outro aspecto, estaria relacionado à questão social, onde a prática dos ritos é vista como fonte de resistência.

Para a Igreja Católica o “popular” pode ser entendido como um aglutinado de elementos culturais, que compõem uma diversidade étnico-cultural, como a religiosidade popular latino-americana com forte influência indígena; os elementos do messianismo, influências cósmicas e africanas (RIBEIRO, 1985).

Por fim, as festas populares vão apresentar uma grande importância para os fiéis, pois estas festas estão ligadas ao processo de formação da fé cristã que permeia a criação do festejo. No Brasil, segundo aponta Cascudo (1954) um dos principais festejo que acontece no país, surgiu a partir do século XVII, sendo uma das festas religiosas popular mais conhecidas no Brasil é a Festa do Divino Espírito Santo que tem seu acontecimento em Pirenópolis-GO, tendo como principal destaque a cavalhada como senda essa uma das partes da festa que tem uma maior visibilidade onde reuniu vários fiéis que acompanham a festa, fato esse que também não tira o brilhantismo e a importância cultural das outras festas que acontecem em pontos longínquos do Brasil, geralmente na zona rural de vários estados brasileiros por ocasião da festa do padroeiro.

Rosendahl (2001) apud Pontes e Campos (2010, p. 53) recorda que a Igreja Católica Romana, em sua forma física, organizou um sistema hierárquico intricado que viabilizou seus objetivos, ou seja, “territórios demarcados, onde o acesso é controlado e dentro dos quais a autoridade é exercida por um profissional religioso”. Ainda a respeito da organização das festas religiosas a autora Barros e Neto (2011, p. 49) aponta que:

> A festa religiosa é algo intrínseca à cultura e a identidade do homem que, desde a formação das primeiras comunidades realizavam festejos em agradecimento às divindades pelas boas colheitas e pela prosperidade da vida. A devoção transcendental toma forma nas diversas religiões e isso é marcante em qualquer tempo e espaço na ligação do homem terreno com o divino. No advento do Catolicismo a devoção aos santos(as) se tornam padroeiros(as) de determinado lugar seja por preces atendidas ou por oferecer proteção ao lugar, estes santos(as), tornam-se referência e fazem parte da gênese da identidade local (BARROS; NETO, 2011, p. 49).

As festas religiosas se originam dentro da sociedade como forma de comemoração que vai representar o dia do santo em questão, geralmente acontece alguns dias antes da data comemorativa do santo padroeiro, assim ganham com o passar do tempo esses festejos vão contribuir dando novos aspectos a paisagem que está naquele local. Que a partir desse festejo ocorre a modificação do meio sendo esse parcialmente ou completamente a dinâmica de vida dentro da sociedade na qual esses festejos estão ligados, a paisagem vai ganhar uma nova forma a partir do significado simbólico que a festa religiosa no caso vai estar presente fortemente sobre criando uma nova paisagem para aquele lugar que foi alterado por um acontecimento religioso no qual se formou dentro da paisagem como é o caso da festa do padroeiro São João Batista que acontece na cidade do Assú – RN, esse festejo religioso acontece a partir do dia 14 de junho, estendendo-se até 24 de junho. Essa festa é considerada como o São João mais antigo do mundo, com 296 anos de comemoração.

5 A PAISAGEM RELIGIOSA DA FESTA DE SÃO JOÃO BATISTA EM ASSÚ-RN

A Paróquia de São João Batista de Assú – RN, foi criada em 1726. Contudo, de acordo com informações obtidas no site oficial da Diocese de Mossoró – RN, a história da devoção do povo assuense ao santo começou ainda em 1696, quando o 4º Bispo de Olinda, Dom Freire Francisco de Lima, decretou a criação da Povoação da Ribeira do Assú, com o padre Francisco Fernandes como encarregado (GOMES, 2021).

A construção da Igreja Matriz e da Casa Paroquial, iniciou-se em 1712, após a doação do terreno. Com a criação da paróquia a Povoação passou ao status de Freguesia de São João Batista da Ribeira do Assú, segunda Capitania do Rio Grande e com isso, temos o primeiro templo e paróquia em honra a São João Batista de nosso país (LIMA, 2002). Construído com madeira e barro e já recebendo os festejos alusivos ao padroeiro.

A construção da igreja, como conhecemos hoje (figura 01) teve início em 1760, no mesmo local do templo anterior, pois a primeira se encontrava em completo estado de ruína e pobreza. Algo que pode ser em consequência do conflituoso processo de colonização do Sertão Nordestino, denominado como Guerra dos Bárbaros (1650-1720), que impôs resistência dos povos indígenas que ocupavam a área, frente à ocupação portuguesa após a expulsão dos holandeses, o que enfraqueceu as práticas religiosas na região em virtude dos massacres ocorridos. Além disso, de acordo com populares, os adros[1] da igreja eram inundados durante os períodos chuvosos, por estarem localizados nas margens da bacia de inundação do Rio Piranhas-Açu, que corta o município.

Figura 01: Igreja Matriz de São João Batista



Fonte: Acervo do Autor, 2023.

É interessante perceber que as primeiras manifestações religiosas na área já imprimiram significativas mudanças na paisagem. Com a construção do templo outros agentes sociais passaram a atuar na área, passaram a construir pontos comerciais;

[1] Um adro é um terreiro, um espaço fronteiro ou circundante a uma igreja. Um espaço que está fora da Igreja, mas que é Igreja – não há adro sem Igreja.

casas, como a Casa da Baronesa de Serra Branca (figura 02) e instalaram a feira livre, também nos arredores. Assim, o desenvolvimento, enquanto núcleo urbano, tem início a partir da Matriz. Sob esse aspecto, Conduru (1998) aponta que há uma grande relevância desses marcos dentro da paisagem urbana do século XVIII, quando igrejas, capelas, mosteiros, entre outras construções com finalidade religiosa, balizavam a vida dos moradores.

Figura 02: Casa da Baronesa



Fonte: Acervo do Autor, 2023.

Do ponto de vista de Fridman (1999), as igrejas e capelas tornavam-se pontos de apoio e de informações das populações. A busca de notícias, as badaladas dos sinos que informavam nascimentos, casamentos, mortes e alertas gerais, estabeleciam o fluxo da vida cotidiana. Ainda, a construção de templos católicos tornou-se instrumento na manutenção das relações de poder, o que não foi diferente em Assú.

Atualmente, é no entorno da igreja que se encontram a feira-livre, os maiores supermercados da área urbana do município, sendo eles o principal ponto de comércio do mesmo, pois recebem pessoas de todos os bairros e comunidades, além de moradores das cidades circunvizinhas.

5.1 A Festa do Padroeiro São João Batista

Os festejos à São João Batista, acontecem no município há 297 anos, sendo considerada a festa destinada ao santo, mais antiga do Brasil. A celebração é conhecida em todo o estado do Rio Grande do Norte e atraí uma grande quantidade de fiéis, migrantes (pessoas que moravam na cidade, mas retornam todos os anos para participar das celebrações) e turistas. A mesma, tem grande destaque e caracteriza-se por imprimir transformações significativas na paisagem do município, ainda que essas manifestações sejam visualizadas apenas durante o período de duração dos festejos (figuras 03, 04 e 05).

Figura 03 e 04: Local dos festejos antes do mês de junho, 2023.



Fonte: Bruno Andrade, 2023.

Figura 5: Durante o Festejo



Fonte: Bruno Andrade, 2023.

É importante destacar que “as festas, procissões e romarias são as práticas mais importantes da religião popular” (ROSENDAHL, 2012, p. 171), pois conseguem atrair pessoas através do santo padroeiro exprimindo os costumes locais, as tradições religiosas e a busca pelo lazer.

Ao longo do período de realização, a paisagem das áreas no entorno da igreja e por todo o município, apresenta símbolos festivos e é possível detectar a presença de imagens, fotos e estandartes com o ícone de São João Batista. No interior da Igreja também podemos identificar modificações (figura 06 e 07), estas que acontecem para evidenciar a pompa e o destaque do padroeiro.

Figura 06 e 07: Interior da Igreja Matriz antes e durante a festa, 2023.



Fonte: Paróquia de São João Batista, 2023.

Sob o olhar de Pereira e Torres (2016) a religião tem o poder de unir o invisível ao visível. No entanto, arriscamos apontar que, para além disso, a religião funde os aspectos do imaginário à materialidade das ações humanas; aspectos físicos e sensoriais; assim como, sagrados e profanos. Construindo paisagens e lugares individuais e ao mesmo tempo coletivos.

Dando ênfase a dualidade da festa, sendo está uma manifestação do sagrado e ainda sim, apresentando elementos profanos, destacamos a existência de duas festas. Uma voltada para os fiéis e suas práticas religiosas e outra para o público “festeiro”, entendo que, o mesmo crente que vai às celebrações, também usufrui e participa da produção da outra festa.

O espaço sagrado “é o lugar do santo, o lugar superior e não profano, no qual ocorre visivelmente o encontro simbólico do santo com o povo, num contato direto, sem intermediários” (ROSENDAHL, 2012, p. 173), nesse sentido, entendemos as igrejas, capelas e santuários como os espaços onde essas experiências são possíveis. Entendendo, contudo, que o sagrado e profano coexistem e por vezes não conseguimos distinguir seus limites.

As missas e procissões carregam a marca do sagrado. Ao observar a procissão de São João Batista em Assú, podemos perceber que é o momento onde os devotos

sentem-se mais próximos do padroeiro, todos querem prestar suas homenagens, penitências e promessas. As pessoas preparam-se para o ritual, fora de suas casas apresentam pequenos altares e ali, exprimem suas crenças, criando uma paisagem que se destaca. É física, musical, visual e cultural (figura 08).

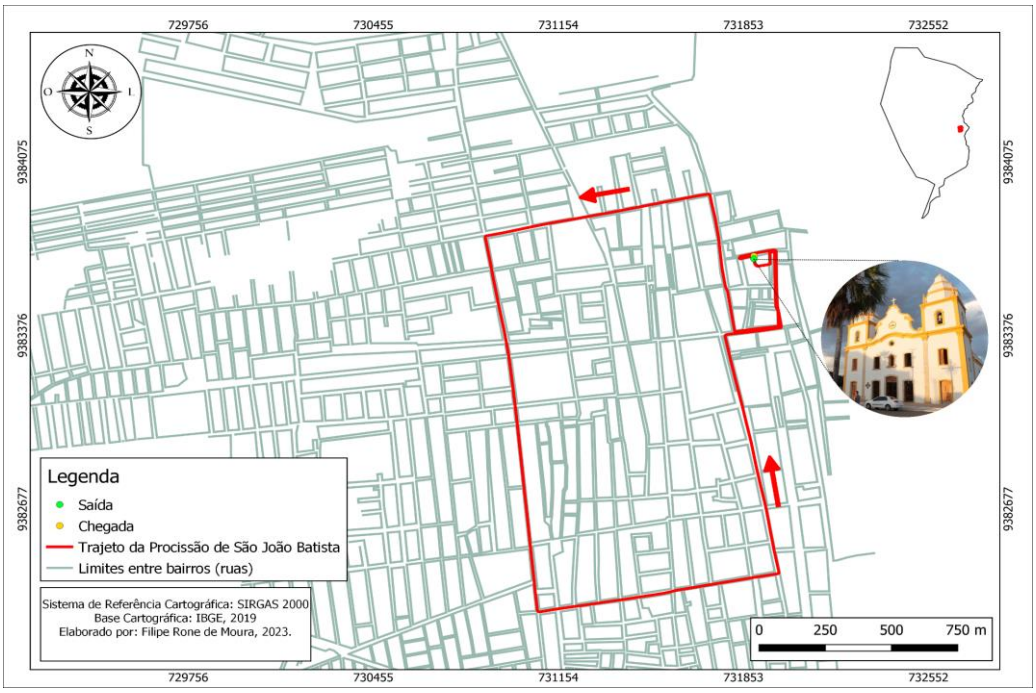
Figuras 08: Sequência de Imagens da Procissão, 2023.



Fonte: Acervo do autor, 2023.

Contudo, apesar disso, não é incomum ao longo do trajeto percorrido (mapa 02), observar a existência de atividades comerciais, seja formal ou informal. Os ambulantes, pessoas que não estão participando da manifestação com objetivo religioso, mas sim econômico, são percebidos ao longo do percurso. Por sua vez, as ruas que compõem a procissão ficam tomadas por elementos que não são comuns a elas. Símbolos, ícones, cores, músicas religiosas e esculturas do padroeiro se destacam, ainda que por alguns minutos na composição da paisagem que se altera durante o rito.

Mapa 02: Trajeto da Procissão do Santo Padroeiro São João Batista, 2023.



Fonte: Filipe Rone, 2023.

Ainda, para além da crença, temos a perspectiva profana da festa. A dança, os shows, as bebedeiras que testemunham as práticas que compõem os festejos, porém (re)produzido por outros agentes e proporcionando a existência de outras paisagens. Em grande parte, a Igreja não participa do comércio, mas favorece e impulsiona a atividade.

Ambulantes, barraqueiros, parques de diversão, vendedores de artigos religiosos, artesãos e políticos locais se amontoam nos adros do templo, concomitantemente à realização das novenas, missas, bênçãos e outros ritos. Entendemos assim, que a festa propicia aos interesses econômicos, eleitoreiros, comerciais, movimentando vários nichos sociais e gerando, na área do entorno da igreja uma movimentação noturna, que não é observada em outras épocas do ano.

Durante a realização dos shows, as pessoas concentram-se na praça em frente à igreja, onde os palcos que recebem as atrações são montados, proporcionando existência de mais uma paisagem (ver figura 09). É um espaço composto por expectadores, vendedores, bares, quiosques de comida e drinks, banheiros químicos. As lojinhas de artesanato, o parque, os barraqueiros e outros agentes do “horário familiar” não são mais percebidos, dando espaço a uma outra parcela do comércio local.

Figura 09: Vista parcial e aérea de uma das noites de shows, 2023.



Fonte: Prefeitura Municipal de Assú, 2023.

Assim, entendemos que as paisagens religiosas, são representações dos territórios da religião, estes que são espaços “constituídos de fixos e fluxos, com funções e formas espaciais que constituem os meios pelos quais o território realiza efetivamente os papéis a ele atribuídos pelo a gente social que o criou e o controla” (ROSENDAHL, 2012, p. 181). As paisagens oriundas das manifestações religiosas são reflexo de inúmeros elementos, das lideranças religiosas, dos líderes políticos, do comércio, dos devotos-consumidores. Desse modo, essa dinâmica e suas representações através da paisagem, foi o foco da nossa abordagem sob a festa do padroeiro de Assú – RN.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

À luz das discussões apresentadas, percebemos que os festejos alusivos à São João Batista, Excelsior padroeiro do município de Assú-RN, ocasiona uma série de mudanças, ainda que temporárias, na paisagem assuense, principalmente na área urbana e entornos da Igreja Matriz. Essas transformações são possíveis graças aos elementos religiosos presentes no espaço e através das ações dos múltiplos agentes que (re)produzem a festa.

Contudo, não podemos deixar de observar, que as transformações ocorridas, permeiam outras questões do cotidiano dos moradores. Gerando não apenas reflexos na paisagem, como também, impactos em outras esferas do cotidiano dos moradores. Essas situações, mesmo não sendo o ponto central desse estudo, merecem ser evidenciados.

Além de modificar a estrutura da paisagem do centro urbano de Assú, local onde se localiza a igreja, palco da festa sacra, o evento proporciona uma série de outras transformações. Nos adros da Matriz, ficam localizados o parque de diversões, os palcos para a realização dos shows e o restante da infraestrutura necessária à realização destes. Essa logística montada, exclusivamente, para os festejos alteram o tráfego de veículos e pedestres, sendo necessária a criação de outras rotas para circulação de pessoas e mercadorias, considerando que a feira-livre, os supermercados e as lojas que movimentam o comércio assuense se encontram nesse quadrante.

Ainda, a festa acarreta alguns problemas para a população ali residente, pois há o comprometimento do bem estar destas. São residências antigas, habitadas principalmente por idosos, que acabam tendo seu cotidiano alterado em virtude de inúmeras situações, como a poluição sonora causada pelos shows, odores, sujeira, calçadas tomadas por barracas e quiosques. E, porque não dizer, impedidos de ter acesso à paisagem da área.

Para além dessas e de outras questões, é importante ressaltar que a festa é o ponto alto do ano. Economicamente a cidade lucra bastante, o comércio tem seus melhores números em virtude do aquecimento das vendas para a época. A paróquia, também experimenta das benesses da festa profana. Para além das doações realizadas pelos fiéis, durante os ritos e celebrações, esta arrecada com aluguéis e permissões de uso do espaço que rodeia o templo, pois a área pertence à mesma e não a prefeitura. São impostos pagos para instalação do parque, das barracas, uso da praça e para circulação dos vendedores ambulantes, sejam eles de terços e outros artigos religiosos ou mesmo os de bebidas que aparecem apenas durante os shows.

Vale ressaltar também que o poder público de Assú -RN, poderia pensar em outra logística e local para realização da festa profana, em outra área que possibilitasse a diminuição dos transtornos aqui já relatados. Mas, registramos aqui um questionamento: será que seria de grande interesse da igreja que essa festa fosse transferida para outra localidade da cidade? Uma vez que com a realização da festa profana vai contribuir para o arrecadamento de impostos, quem são pagos à paróquia. Talvez, alguns dos comerciantes e moradores também não ficassem satisfeitos com a mudança nessa dinâmica que se consolidou ao longo mais de 200 anos.

Diante do que foi apresentado dentro do texto, podemos concluir que através dos conceitos que foram trabalhados dentro desse trabalho, contribuiu para uma melhor interpretação de como os agentes que fazem parte deste festejo religioso, ajuda na transformação da paisagem do município, é também modificam a dinâmica do cotidiano do mesmo, sendo assim um trabalho que através das observações feitas que podem demonstrar de forma acadêmica com conceitos trabalhados na área da geografia conseguem contribuir para um melhor entendimento dos aspectos simbólicos que estão presentes dentro da paisagem religiosa, presentes dentro do festejo do padroeiro São João Batista, assim como do espaço transformado pelo mesmo e sua relevância para a ciência geográfica.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARROS, S. C. B.; NETO, L. E. N. Um olhar geográfico na festa de São Sebastião no Encanto-RN. **Revista Geotemas**, Pau dos Ferros, v. 1, n. 1, 2011. Disponível em: https://periodicos.apps.uern.br/index.php/GEOTemas/article/view/316. Acesso em: 23 nov. 2023.

BERTRAND, G. Paisagem e geografia física global: esboço metodológico. **Cadernos de ciências da terra.** São Paulo, v. 13, p. 1-27, 1971.

CALLAI, H. C. Estudar o lugar para compreender o mundo. In: Castrogiovanni, A. C. (Org.): **Ensino de Geografia:** Práticas e textualizações no cotidiano, Porto Alegre, Mediação, 2000.

CASCUDO, Luís da Câmara. **Dicionário do folclore brasileiro**. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1954. 660 p.

CAVALCANTI, L. S. **Geografia, escola e construção de conhecimentos**. Campinas – SP: Papirus, 2004.

CLAVAL, P. **A geografia cultural**. Florianópolis: UFSC, 1999.

CLAVAL, P. A paisagem dos geógrafos. In: Corrêa, Roberto Lobato; Rosendahl, Zeny (orgs.). **Paisagens, texto e identidades**. Rio de Janeiro: EDUERJ. p. 13-74. 2004.

CONDURU, R. Geometria bélica: cartografia e fortificação no Rio de Janeiro setecentista. In.: **Universo Urbanístico Português (1415-1822).** Lisboa: Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses, 1998.

CORRÊA, R.L. Carl Sauer e a Escola de Berkeley: Uma Apreciação. In: ROSENDAH, Z.; CORRÊA, R.L. (Org.) **Matrizes da Geografia Cultural**. Rio de Janeiro, EDUERJ, 2001.

COSGROVE, D. E. Social formation and symbolic landscape. **Madison:** the University of Winsconsin Press, 1995.

CRV, p. 95-105, 2016.

CURADO, João Guilherme da Trindade**. Lagolândia – Paisagens de festa e de fé:** uma comunidade percebida pelas festividades. 2011. 318 f. Tese (Doutorado em Geografia) - Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2011. Disponível em: https://revistas.ufpr.br/raega/article/view/3353%26gt%3B>. Acesso em: 04 out. 2023. doi:http://dx.doi.org/10.5380/raega.v7i0.3353.

DROOGERS, A., HUIZIER, G and SIEBERS, H. (eds). **Popular Power in Latin American Religions.** Florida: Verlag Breitenbach Publisers, 1991.

DROOGERS, A.; SIEBERS, H. Popular religion and power in Latin America: an

F. **Liberdade e Religião**: o Espaço Sagrado no século XXI. Curitiba: Editora

FERRETTI, S. F. Religião e Festas Populares. In: XIV Jornadas sobre Alternativas Religiosas em América Latina, 2007, Buenos Aires. **Anais**... XIV Jornadas sobre Alternativas Religiosas na América Latina. Buenos Aires: Centro Invest Etnograficas Univ Nac. San Martin, 2007.

FRIDMAN, F. **Donos do Rio em nome do Rei:** uma história fundiária da cidade do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. Garamond, 1999.

GANDY, M. (2004). **Paisagem, estéticas e ideologia**. In: CORREA, R. L. ROSENDAHL, Z. (Orgs.). Paisagens, textos e identidade. Rio de Janeiro: EdUERJ, p.75-90.

GIL FILHO, S. F. Espaço de representação e territorialidade do sagrado: notas para uma teoria do fato religioso. **Ra'e ga** (UFPR), Curitiba, v. 3, p. 91-120, 2010.

GOMES, A. L. **Festa de São João Batista, 295 anos de muita história, fé e devoção em Assú – RN**. Diocese de Mossoró, 2021. Disponível:http://www.diocesedemossoro.com/2021/06/festa-de-sao-joao-batista-295-anos-de. html?m=1 Acesso em: dezembro, 2023.

HUSSERL, Edmund. **Investigações Lógicas**. São Paulo: Abril Cultural, 1975.

LENCIONI, S. **Região e geografia**. São Paulo: Edusp, 1999.

LIMA, A. A. **História da Paróquia de Assú.** Reverbo Estúdio: Assú, 2002)

MOREIRA NETO, H. F. A abordagem fenomenológica em Geografia para o estudo da vulnerabilidade do lugar. **Revista Formação** (Online) Vol. 2; n. 23, 2016.

MUCCHIELLI A. **Les Méthodes qualitatives**. Paris: Presses Universitaires de France PUF, 1991.

PASSOS, J. D.; GUERREIRO, S. Metamorfoses religiosas no centro antigo de São Paulo: variações sobre a paisagem e o espaço. **Ciencias Sociales y Religión**, Porto Alegre/RS, v. 6, n.6, p. 117-133, 2004.

PEREIRA, C. J.; TORRES, M. A. Espacialidades Religiosas. In: GIL FILHO, S.

POLIGNAC, F. Espaço cultual e paisagem religiosa: entre rito e representação. In: LIMA, A. A. C. (org.). **A Imagem, Gênero e Espaço** - Representações da Antiguidade. Alternativa Editora e Produção Cultural Ltda, RJ, 2014.

PONTES, E. T. M.; CAMPOS, G. S. Paisagens Religiosas: cruzes e memoriais às margens das rodovias. **Ateliê Geográfico**, v. 4, n. 3, p. 46-63, 2010.

REBORATTI, C. E. La Geografía en la Escuela Secundaria: de inventario intranscendente a Herramienta de Compresión**. Geographikós**. Ano 3. p. 7-32, 1993.

RIBEIRO, Helcion. **Religiosidade popular na teologia latino-americana**. São Paulo: Paulinas, 1985.

ROCHE, D. **História das coisas banais:** nascimento do consumo séc. XVII-XIX. Rio de Janeiro: Rocco, 2000. 396 p.

ROSENDAHL, Z. Diversidade, religião e política. **Espaço e Cultura** (UERJ), Rio de Janeiro, v. 11/12, p. 27-32, 2001.

ROSENDAHL, Z. Espaço, Cultura e Religião: Dimensões de análise. In: II Simpósio Internacional sobre Religiões, Religiosidades e Culturas., 2006, Dourados. **Espaço, Religião e Identidade**, v. 1., 2006. p. 17-20.

ROSENDAHL, Z. História, teoria e método em geografia da religião. In: **Uma procissão na geografia**. (online). Rio de Janeiro: EDUERJ, 2018. p. 275-304.

ROSENDAHL, Z. **Primeiro a obrigação, depois a devoção:** estratégias espaciais da Igreja Católica no Brasil de 1500 a 2005. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2012.

ROSENDAHL, Z.; CORRÊA, R. L. (Org.) **Espaço e Religião:** Uma Abordagem Geográfica. 2a.. ed. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2002. 89p.

SANTOS, M. **A natureza do Espaço**: Técnica e Tempo, Razão e Emoção. 4ª ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2006.

SAUER, Carl O. A morfologia da paisagem. In: CORRÊA, R. L.; ROSENDAHL, Z. (orgs.). **Paisagem, tempo e cultura.** Rio de Janeiro: EdUERJ, 1998. p. 12-74.

SCHIAVO, **Luigi. Conceitos e Interpretações da Religião**. In: LAGO, Lorenzo. REIMER, Haroldo. SILVA, Valmor da. (Orgs.). O Sagrado e as Construções de Mundo: roteiro para aulas de introdução à teologia na universidade. Goiânia: Ed. Da UCG, 2004, p.63-78.

SCHIER, R. A. Trajetórias do conceito de paisagem na geografia. **RA'E GA**, Editora: UFPR. n. 7, p. 79-85, Curitiba, 2003.

SERPA, A. **Por uma Geografia dos espaços vividos**. São Paulo: Editora Contexto, 2019.

SILVA, T. R. da. A geograficidade e os saberes tradicionais dos pescadores do lago Guaíba: subsídios para a co-gestão das águas do manancial. In: Simpósio Nacional sobre Geografia, Percepção e Cognição do Meio Ambiente. Londrina 2005. **Anais**... Simpósio Nacional sobre Geografia, Percepção e Cognição do Meio Ambiente Homenageando Lívia de Oliveira. Londrina 2005. 17p.

SOPHER, D. E. Geography of religions. **Englewood Cliffs**: Prentice Hall, 1967.

SORRE, M. “Les fondements de la géographie humaine”. **Les fondements techniques**. Paris: Librairie Armand Colin, v. 1, 1954.

SOUZA, R. L. **Festa, procissões, romarias, milagres:** aspectos do catolicismo popular / Ricardo Luiz de Sousa. – Natal: IFRN, 2013.

TEIXEIRA, J. P. **Paisagens e territórios religiosos afro-brasileiros no espaço urbano:** terreiros de candomblé em Goiânia. 2009. 141 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Humanas) - Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2009.

TORRES, M. A. As paisagens da memória e a identidade religiosa**. Raega -** O Espaço Geográfico em Análise, Curitiba, v. 27, p. 94-110, 2013.

VARGAS, M. A. M. Festas patrimônio: os ciclos junino e natalino de Sergipe. **Ateliê Geográfico**, v. 8, n. 2, p. 252-273, 2014.

AGRADECIMENTOS

O desenvolvimento deste trabalho de conclusão de curso contou com a ajuda de diversas pessoas, dentre as quais agradeço primeiramente à Deus, aos guias de Luz, a nossa Senhora das Graças, Aparecida e Nossa Senhora da Conceição, ao Santo São João Batista que foi objeto de análise deste trabalho, por conceder-me a oportunidade, força de vontade e coragem para superar todos os desafios.

À minha querida orientadora Prof. Ma. Mirrayla Campos, que sempre me apoiou na construção desse trabalho, em suas palavras positivas nas horas difíceis, a ela desejo tudo de bom para sua vida, és uma mulher luz, minha eterna gratidão por ter me ajudado tanto na conclusão deste trabalho.

Ao meu companheiro Edilson, pelo apoio, meus familiares, meus amigos, em especial a Edmar, Filipe, Gilca, Rutson, Iranildo, Liegi e Mateus e demais colegas de classe. Também, as minhas duas companheiras dos “orientandos de Mirra”, Karina e Sayane.

Á todos os professores do DGE, pela rica contribuição na minha formação acadêmica durante esses 4 anos de curso. Por fim, sou grato a todas as pessoas que direta ou indiretamente contribuíram para a realização da minha pesquisa.